



**REFLEXÕES SOBRE A LINGUAGEM DA INCIVILIDADE NA PANDEMIA: O
NEGACIONISMO NAS FALAS PRESIDENCIAIS**

***REFLEXIONES SOBRE EL LENGUAJE DE LA INCIVILIDAD EN LA PANDEMIA:
NEGACIONISMO EN DISCURSO PRESIDENCIAL***

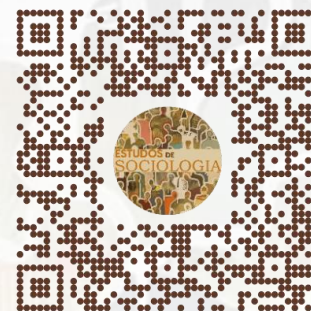
***REFLECTIONS ON THE LANGUAGE OF INCIVILITY IN THE PANDEMIC:
NEGATIONISM IN PRESIDENTIAL SPEECH***



Eduardo Moura OLIVEIRA¹
e-mail: eduardomoura@gmail.com

Como referenciar este artigo:

OLIVEIRA, E. M. Reflexões sobre a linguagem da incivildade na pandemia: O negacionismo nas falas presidenciais. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 28, n. 00, e023022, 2023. e-ISSN: 1982-4718. DOI: <https://doi.org/10.52780/res.v28i00.16910>



| Submetido em: 06/07/2022
| Revisões requeridas em: 26/12/2022
| Aprovado em: 16/08/2023
| Publicado em: 29/12/2023

Editora: Profa. Dra. Maria Chaves Jardim
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro – RJ – Brasil. Doutor em Ciências Sociais. Pesquisador do Instituto de Ciências Sociais.

RESUMO: Este artigo analisa as relações entre as declarações do então presidente da República Jair Bolsonaro no primeiro ano da pandemia e uma linguagem da incivilidade, baseado nos pressupostos de Norbert Elias. Durante a pandemia de Covid-19, um conjunto de recomendações da Organização Mundial de Saúde, referendadas por epidemiologistas e virologistas, prescrevia o isolamento social como fundamental para a contenção da curva de infectados. Na contramarcha das diretrizes científicas, o ex-presidente Jair Bolsonaro manteve um discurso crítico ao isolamento social e voltado para a concentração dos esforços na manutenção da atividade econômica. No contexto de crise provocada pela pandemia, o descumprimento e desautorização de certas normas é reexaminado à luz da hipótese de uma linguagem da incivilidade, o que sugere a importância em visitar o trabalho de Elias com atenção especial ao rendimento analítico da teoria dos processos civilizadores para pensar a adesão às normas sanitárias ao longo da pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Norbert Elias. Política. Incivilidade. Governo. Pandemia.

***RESUMEN:** En este artículo se analiza las relaciones entre las declaraciones del entonces presidente de la República Jair Bolsonaro en el primer año de la pandemia y un lenguaje de incividad, a partir de las tesis de Norbert Elias. Durante la pandemia de la Covid-19, un conjunto de recomendaciones de la Organización Mundial de la Salud, avaladas por epidemiólogos y virólogos, prescribieron el aislamiento social como fundamental para contener la curva de infectados. Contra los lineamientos científicos, Jair Bolsonaro mantuvo un discurso crítico sobre el aislamiento social y se centró en concentrar esfuerzos en mantener la actividad económica. En el contexto de la crisis provocada por la pandemia, se reexamina el incumplimiento y desconocimiento de normas a partir de la hipótesis de un lenguaje de incividad, lo que sugiere la importancia de visitar la obra de Elias con especial atención a la actuación analítica de la teoría de los procesos civilizatorios para pensar la adherencia a las normas sanitarias a lo largo de la pandemia.*

***PALABRAS CLAVE:** Norbert Elias. Política. Incividad. Gobierno. Pandemia.*

***ABSTRACT:** This paper analyzes the relations between the statements of the former President Jair Bolsonaro during the pandemic and a language of incivility, based on the assumptions of Norbert Elias. During the Covid-19 pandemic, a set of recommendations from the World Health Organization, endorsed by epidemiologists and virologists, prescribed social isolation as fundamental to contain the infected curve. Against the backdrop of scientific guidelines, former President Jair Bolsonaro maintained a critical discourse on social isolation and focused on concentrating efforts on maintaining economic activity. In the context of a crisis caused by the pandemic, non-compliance and disallowance of certain norms are re-examined in the light of the hypothesis of a language of incivility, which suggests the importance of revisiting Elias's work with special attention to the analytical performance of the theory of civilizing processes for think about adherence to health standards throughout the pandemic.*

***KEYWORDS:** Norbert Elias. Politic. Incivility. Government. Pandemic.*

Introdução

No primeiro semestre de 2020, a crise de saúde pública instaurada pela pandemia de Covid-19 exigiu respostas imediatas dos governantes e chefes de Estado, dada a velocidade de propagação do vírus pelo mundo. A determinação das medidas de restrição ao contato aparecia como o principal recurso de contenção, momento em que um debate público ganhou destaque no Brasil a partir da crítica ao distanciamento social. O debate assumiu contornos políticos, polarizado entre grupos que se acusavam reciprocamente. Em síntese, de um lado aqueles que priorizavam a economia e do outro lado aqueles que defendiam a preservação da saúde pública pelo isolamento social. Tal dissenso alimentou rusgas e desentendimentos entre os poderes, o que afetou profundamente a capacidade de oferecer reações do ponto de vista das decisões dos gestores públicos. O então presidente da República, Jair Bolsonaro, defensor do isolamento vertical, se desentendeu com governadores, com o Ministro da Saúde, com o legislativo e com o Supremo Tribunal Federal ao longo da pandemia².

Tomando como objeto de análise os pronunciamentos presidenciais no ano de 2020 documentados em jornais periódicos, o presente trabalho busca refletir sobre relação entre o tema da incivilidade e a negação do cumprimento das regras sanitárias e redução da gravidade da pandemia. A partir da teoria dos processos civilizadores de Norbert Elias, procuro explorar a hipótese da relação entre a incivilidade e o desprezo pelas recomendações de virologistas e epidemiologistas no momento crucial para o controle do avanço da doença. Após uma apresentação de seu projeto teórico, exploro analiticamente o discurso do ex-presidente durante a pandemia, tomando como referência os registros de sua negação às recomendações especializadas. Como procedimento metodológico, considero a análise crítica como processo de significação que considera o contexto social e a produção de efeitos políticos. Nesse estudo, o pressuposto é o da articulação entre linguagem e sociedade, atravessada por práticas, discursos e situações, de acordo com as teses de Norman Fairclough (2016). No Brasil, trabalhos recentes voltaram suas análises a esse sentido, como o discurso de posse presidencial

² Bolsonaro declarou inúmeras vezes que o Brasil estaria em guerra não com o vírus, mas com aqueles que pretendem “quebrar a economia para atingir o governo”. Em sua defesa da reabertura do comércio e da circulação normal das pessoas enquanto a pandemia avançava, atacou decisões do Supremo Tribunal Federal, de governadores e do então presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia. Mais informações sobre tema em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/05/17/interna_politica,1148039/como-a-guerra-entre-bolsonaro-e-governadores-pode-ferir-o-brasil.shtml; <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/ataques-entre-bolsonaro-e-maia-tem-de-velha-politica-a-socorro-a-pandemia-relembre-os-embates.shtml>; https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/04/16/interna_politica,1139286/relembre-o-historico-de-confrontos-entre-bolsonaro-e-mandetta.shtml; <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/entenda-a-recente-tensao-entre-o-governo-bolsonaro-e-o-supremo-tribunal-federal.shtml>. Acesso em: 19 abr. 2021.

(GUIRADO, 2019), a análise crítica no contexto econômico e social no período da pandemia (AKAMINE *et al.*, 2022) e a construção do discurso sobre direitos humanos a partir da extrema direita (CAVALCANTI; FERREIRA, 2020). Assim como nessas pesquisas, a proposta aqui é a de explorar as pontes entre os discursos e a dinâmica de práticas sociais em rede e interação, nos termos de Fairclough (2016). Não obstante, a proposta aqui consiste em uma análise crítica à luz da categoria incivilidade, no registro da obra de Elias, de modo a verificar o rendimento teórico de estudos voltados ao conteúdo das falas presidenciais.

O artigo está organizado em três partes. Inicialmente, apresento a discussão teórica envolvendo os processos civilizadores à luz do objeto proposto. Em seguida, é realizado um esforço de exploração conceitual a respeito da incivilidade, tomando como pano de fundo o ambiente de tensões e disputas políticas. Finalmente, as falas de Jair Bolsonaro serão analisadas sob a ótica do desacatamento das normas sanitárias e das recomendações científicas, o que indicaria a incidência de uma linguagem incivilizada, nos termos de Elias.

Da renovação nos quadros às promessas de transformação na política

Nos últimos anos, a intensificação de discursos marcados pelo desprezo a certas formalidades na cultura política das democracias ocidentais representou uma tendência através da qual surgiram incontáveis episódios envolvendo radicalismos. No Brasil, as prévias das eleições presidenciais de 2018 já apontavam a expressividade dos índices do candidato Jair Bolsonaro, parlamentar que ganhou notoriedade através de comentários “racistas, homofóbicos, sexistas”³ e pela simpatia demonstrada em relação ao período da ditadura militar. Ex-militar da reserva, Bolsonaro se tornou uma figura controversa em função de propagar um discurso de ódio. No ano de 2020, período de análise dessa pesquisa, Bolsonaro, já como Presidente da República, reafirmou suas posições, tais como o ataque aos outros poderes e o negacionismo científico, sob a forma de uma linguagem truculenta.

A eleição de Bolsonaro se inscreve em um movimento de renovação dos quadros no executivo guiado por uma retórica de reconstrução temperada com nacionalismos e promessas de purificação. Suas falas são contundentes e predispostas à acusação. Em posicionamentos

³ A matéria do *Libération* de 15 de agosto de 2018 traz o seguinte texto: “Jair Bolsonaro é agora um estranho na eleição presidencial cuja campanha oficial será aberta na quinta-feira. Racista, homofóbico e sexista, este capitão nostálgico da ditadura tira proveito do descrédito que pesa sobre a classe política brasileira” (tradução minha). Au Brésil, un ex-militaire pour liquider la démocratie. *Libération*, São Paulo, 15 de ago. de 2018. Disponível em: http://www.liberation.fr/planete/2018/08/15/au-bresil-un-ex-militaire-pour-liquider-la-democratie_1672816. Acesso em: 24 maio 2021.

oficiais, a defesa de uma ética substancialmente fundada em princípios, noção que Weber (1982) já advertia como prejudicial para a política. Em suas clássicas conferências sobre a ciência e sobre a política, Weber adverte que o político toma as suas decisões levando em conta uma série de condicionamentos que muitas vezes se afastam dos juízos ou preferências pessoais. Aqui reside a chave do argumento: se o compromisso da ciência é com a verdade e o compromisso da política é com as consequências dos atos, em que medida o distanciamento de Bolsonaro se inscreve em uma linguagem da incivilidade, ao se distanciar das recomendações científicas e assumir posições cujos resultados dramáticos, do ponto de vista da saúde pública? Diante dessa variável e do conjunto de falas do presidente ao longo da pandemia, cabe avançar na pergunta: como a teoria dos processos civilizadores se relaciona com a linguagem incivilizada em momentos de crise, tal como o contexto da pandemia de Covid-19, em 2020?

O Processo civilizador e o acatamento das normas

A teoria de Norbert Elias está voltada para uma crítica das teorias sociológicas baseadas na imagem do indivíduo como ser autônomo e autossuficiente, mas também para seu oposto, ou seja, aqueles que consideram a totalidade social como alvo de análise que independe da ação individual. Para o autor, a sociedade é formada por uma teia de relações inscritas dentro de um processo histórico, considerando a relação de interdependência entre as pessoas. Nesse sentido, o alvo de sua investigação se concentra nos processos de longa duração não-planejados, mas que apontam para transformações nas regras de convívio social.

Principal obra de Elias, *O processo civilizador* investiga um refinamento das normas de agressividade a partir de uma história dos costumes, tomando como referência as transformações nos manuais de etiqueta e, conseqüentemente, nas regras de convivência em sociedade ao longo dos últimos cinco séculos. Na obra, as estruturas de personalidade e suas relações de interdependência são tomadas como categorias sociológicas através das quais Elias traça as passagens que vão da agressividade ao modelo de comportamento socialmente aceito, tendo como parâmetro a sociedade de corte⁴. Entre o conjunto de pessoas dotadas de títulos nobiliárquicos que circulavam em torno do soberano, as cenas da vida cotidiana eram representadas a partir de um conjunto de formalidades seguidas liturgicamente e entendidas

⁴ Vale mencionar aqui o contexto do Século XV, no qual os duques de Borgonha, que desejavam ascender socialmente na escala da hierarquia monárquica, construam cerimoniais absolutamente requintados e inspirados na Bíblia, com a representação de cenários divinos no mundo.

como modos de se comportar mais próximos de Deus, uma vez próximos do rei. Aqui se estabelece a relação entre os padrões de comportamento e as posições de poder, segundo Elias.

O processo civilizador é uma mudança no padrão de conduta provocada por mecanismos que se instalam no aparelho psíquico produzindo uma autocontenção dos ímpetos de agressividade. Acompanhado pelo sentimento de preservação de sua posição na rede social, o indivíduo sente-se impelido a agir conforme tal padrão, internalizando as normas e exercendo um autocontrole. Uma marcha de longa duração que vai para uma direção específica: a do refinamento das normas de agir e sentir.

O percurso do processo civilizador se inicia em pequenas economias onde os papéis são bem definidos e as famílias produzem o suficiente para o próprio sustento. Nesse ponto, o grau de interdependência é pequeno, mas com a especialização da produção aumenta o compromisso com o outro e com a própria produção. A especialização do trabalho permite a troca, viabilizada sob a condição do compromisso e da regularidade naquilo que o indivíduo cultiva, na medida em que a competição exige um controle cada vez mais rigoroso. Elias explica que o crescimento da produtividade é um fator fundamental para a “elevação dos padrões de vida”, que em um estágio muito avançado culminaria na “formação de monopólios mais estáveis de força”, especificamente o Estado, que passa a figurar também como a garantia de segurança do indivíduo (ELIAS, 2011, p. 256). Tal formato assume grandes proporções e passa a estruturar toda a vida social, sempre exigindo maior rigor e estabelecendo um padrão de conduta que prima pela disciplina. O comportamento regular e disciplinado passa a ser visto como um valor, um bem que o sujeito deve conservar dentro de uma estrutura econômica. Passa por um processo de socialização de longa duração que resulta em autocontrole da conduta. No exemplo do comportamento à mesa, Elias fala da expansão e difusão de patamares de vergonha, o aumento da capacidade de sentir-se constrangido diante de determinadas maneiras.

Esta delicadeza, esta sensibilidade, e um sentimento altamente desenvolvido de embaraço, são no início aspectos característicos de pequenos círculos da corte e, depois, da sociedade da corte como um todo. Não se diz nem se pergunta em que se baseia essa delicadeza e porque ela exige que se faça isso ou aquilo. (...) Juntamente com uma situação social muito específica, os sentimentos e emoções começam a ser transformados na classe alta, e a estrutura da sociedade como um todo permite que as emoções assim modificadas se difundam lentamente pela sociedade. Nada indica que a condição afetiva, o grau de sensibilidade seja mudado pelo que descrevemos como “evidentemente racional”, isto é pela compreensão demonstrável de dadas conexões causais. (...) Em primeiro lugar, ao longo de um período extenso e em conjunto com uma mudança específica nas relações humanas, isto é, na sociedade, é elevado o patamar de embaraço. A estrutura das emoções, a sensibilidade, e o comportamento das pessoas mudam, a despeito

de variações, em uma direção bem clara. Então, num dado momento, esta conduta é reconhecida como higienicamente correta (ELIAS, 1994, p.119).

De acordo com Elias, ocorre um gradual movimento de transformação histórico cuja direção aponta para um refinamento nos modos de se comportar e se expressar, tendência observável inicialmente nas classes superiores, contudo, tal modelo se espraia por toda a sociedade. Um dos caminhos através dos quais é possível compreender o autocontrole do indivíduo é pelo entrelace da psicogênese com a sociogênese, que corresponde a uma conjunção de perspectivas micro e macrosociológicas que devem ser pensadas dentro de um modo relacional e dentro de uma dinâmica (WAIZBORT, 2001).

Foram as cortes europeias que criaram e estabeleceram os padrões de comportamento social e suas ligações com o poder e o posicionamento na sociedade. Trata-se de um mecanismo de distinção entre nobres e rudes na sua origem, uma gramática que hoje assume sua forma moderna em um conjunto de protocolos que comumente cercam figuras do poder público. Basta considerarmos o conjunto de prerrogativas reconhecidas pelo direito – inclusive pelo direito internacional – com o objetivo de garantir o pleno desempenho das funções de chefes de Estado. Por essa razão, é comum observar, nas imagens de coberturas jornalísticas de acordos internacionais, missões diplomáticas e encontros de interesse público, um conjunto de formalidades que inclui desde as vestimentas, passando pelos esquemas de segurança, até os discursos brandos e conciliativos. Tais modelos de comportamento aparecem como a expressão da condição de racionalidade, de cortesia e de equilíbrio. Estabelecem patamares de constrangimento que passam a ser absorvidos pelo indivíduo desde a infância, segundo Elias.

A preocupação constante dos pais com o fato de os filhos se pautarem ou não pelo padrão de conduta de sua classe ou da classe mais alta, se manterão ou aumentarão o prestígio das famílias, se defenderão sua posição dentro de sua própria classe, medos desse tipo cercam a criança desde os primeiros anos (...) desempenham um papel considerável no controle ao qual a criança é submetida desde o começo, nas proibições que lhe são impostas (ELIAS, 2011, p. 271).

A pressão exercida no indivíduo gera tensões e cisões internas, um aspecto importante no modelo de Elias: as diferenças entre classes despertava o sentimento de medo dos grupos em ascensão. Tais grupos absorvem o código de conduta das classes superiores e passam a assimilá-lo, de maneira que a construção do superego é feita a partir do senso de inferioridade.

O ponto que gostaria de assinalar é o do controle da agressividade como aquilo que dá estabilidade às interações sociais. Na modernidade, a domesticação da agressividade acontece desde a infância, de modo que quanto mais bem-sucedido é o processo civilizador, menos tempo

será necessário para preparar a criança para as funções adultas (ELIAS, 1994). Não se trata aqui de apresentar diretrizes normativas como indícios do que poderia ser classificado como boa ou como má conduta. Para além da esfera dos valores, o esforço se concentra na identificação do descompasso entre um momento dramático para a população, por conta dos efeitos da pandemia, e o tom desrespeitoso e pouco acolhedor do presidente da República. No contexto do avanço da pandemia, o tom solidário e responsável com as consequências por parte do político é mais que uma mera normatividade; do ponto de vista analítico, define a própria atividade política⁵.

A agressividade admitida e a incivilidade mortífera

Nas linhas de Elias, o domínio das boas maneiras e da polidez estaria relacionado a certas hierarquias e posições na sociedade. Quando observamos a incivilidade na política de hoje, sob a forma de discursos e ações, podemos identificar a incidência da relação entre poder e grau de civilidade. O artigo de Bernard Harcourt (2012) parte da teoria dos processos civilizadores para pensar como a linguagem da incivilidade está ligada a posicionamentos nas relações de poder. A linguagem do bom costume, polida e não agressiva, corresponde a uma ideia de civilidade como padrão de atos verbais que qualifica a política, um tipo de organização baseado originalmente na noção de sociedade civil. “Promoveu-se a ideia de que nos faz bem ser parte de uma comunidade política, principalmente uma comunidade política marcada pela ordem, pela paz doméstica e pela tranquilidade” (HARCOURT, 2012, p. 304). De acordo com tal registro, o grau de civilidade do representante seria proporcional aos graus de conformidade com os ânimos da sociedade civil, pelo menos em tese.

No entanto, o autor fala do esvaziamento desse vínculo semântico entre a política e a civilidade, pois na medida em que as competições políticas se acirram no campo agonístico, a política se resume no benefício de uns em prejuízo de outros (HARCOURT, 2012). Na trama das complexas disputas de poder, em ambientes plurais, os resultados das decisões políticas, de fato, não são “civilizados”, uma vez que produzem insatisfação e frustração. Sendo assim, se a política não é civilizada, por que a linguagem da política deveria ser?

Iris Young (2014) apontou a polarização nas democracias através de dois atores imaginados: a) participantes da democracia deliberativa, baseado em normas e processos de

⁵ Em *A política como vocação*, Weber argumenta que a simples paixão não basta, uma vez que o político necessita de outras duas qualidades: a responsabilidade e o senso de proporção. Um firme controle da alma capaz de distinguir da figura do apaixonado (WEBER, 1982).

deliberação pública, e b) o ativismo, que baseado em um modelo de virtude cidadã, reclama que os processos deliberativos são excludentes. A separação entre esses dois atores aumentaria as desigualdades estruturais, arranjo no qual o ativista se torna o personagem da democracia que por vezes se encontra “frustrado”, “furioso” com as injustiças que a democracia deliberativa perpetua ou categoricamente nega, “racionalizando como se fossem benéficas suas decisões” (YOUNG, 2014, p. 191). Nesse ponto, Young demarca atores excluídos dos processos decisórios e que se julgam prejudicados a partir das decisões tomadas por seus representantes. A partir de tal arranjo, é possível supor que as reações daqueles que se julgam injustiçados ou excluídos tendam a ser mais incivilizadas.

Em uma sociedade plural e atravessada por injustiças, cabe considerar a constante situação de conflito que marca o político, para utilizar a noção de Chantal Mouffe (2014). Inspirada na compreensão do político de Carl Schmitt, tal linha considera o elemento de hostilidade como central para a movimentação das disputas, arranjo no qual a relação assumiria a forma amigo-inimigo⁶. Nessa direção, a agressividade seria considerada como constituinte das lutas políticas, na medida em que se inscreve em lutas infundáveis por direitos.

A partir de outro ângulo e diante da questão aqui proposta, cabe considerar as especificidades a respeito da distinção entre agressividade e incivilidade. Quando Elias trata do processo civilizador, considera um retraimento dos impulsos, um autocontrole capaz de frear a força psíquica que conduz à ação. Embora o tema da agressividade do Presidente da República se apresente como importante às análises da conjuntura, atendo-me ao ponto da atitude incivilizada no contexto da pandemia. Em comum, agressividade e incivilidade caracterizam-se pela inobservância ou violação dos códigos sociais de conduta. No entanto, a incivilidade remete a um compromisso cívico - nesse ponto reside o descompasso entre o chefe de Estado e a conduta prescrita pelo cargo. Significa dizer que, apesar de Bolsonaro guardar episódios de agressividade em sua trajetória como político, o ponto a ser analisado é o da discrepância entre a postura incivilizada durante a pandemia de Covid-19 e a pessoa pública que oficialmente representa a unidade nacional.

A incivilidade do Presidente da República reside na negação das normas específicas ao objeto que se pretende observar: as diretrizes científicas a respeito das medidas de contenção

⁶ Nesse ponto, Mouffe faz uma crítica da relação antagonística amigo-inimigo, de Carl Schmitt, na medida em que busca uma política democrática na qual a relação nós-eles, ou seja, as partes conflitantes, reconheçam que, embora não exista nenhuma solução racional para os conflitos, a legitimidade dos oponentes deve ser preservada. Na democracia, as partes conflitantes deveriam ser adversárias, não inimigas, como explica: “o modelo adversarial tem que ser considerado constitutivo da democracia porque ele permite que a política democrática transforme o antagonismo em agonismo” (MOUFFE, 2015, p. 19).

do avanço do coronavírus. Identifica-se, nesse ponto, uma incivilidade que vai além de um conjunto de formalidades. Uma vez que a regra de conduta prescrita cientificamente é negada, a consequência imediata é o avanço do número de contaminados e de mortos pela ação do vírus. Trata-se aqui de uma incivilidade em função da relação entre a inobservância dessas formalidades e o risco de ameaça à vida dos cidadãos.

Em *A psicologia de grupo e análise do ego* (1974), Freud apresenta uma dinâmica através da qual o grupo dissolve a identidade individual na medida em que identifica horizontalmente seus integrantes e verticalmente o líder. Dissolvido no grupo e com parte de sua individualidade subtraída, o integrante tende a ser regido mais pelas decisões do grupo ou de seu líder e menos pelos critérios que caracterizam sua individualidade. “O indivíduo abandona seu ideal do ego e o substitui pelo ideal do grupo, tal como é corporificado no líder”, explica Freud (1974). Essa relativa isenção de responsabilidade, enquanto fato psicológico do comportamento grupal, é a que eventualmente pode liberar certos impulsos em pessoas que não se comportariam da mesma maneira se estivessem sozinhas. Nesse ponto, fundamenta-se a compreensão da ideia de incivilidade e sua aplicação na observação da postura de um chefe de Estado dentro de um contexto de pandemia: ao desestimular as regras de isolamento social e reduzir a letalidade da doença, Bolsonaro contribuiu para o avanço dos índices de contaminados.

Nesse cenário, seria o negacionismo científico e a defesa das próprias convicções durante a pandemia o indício de uma linguagem incivilizada, por parte de Bolsonaro? Vejamos algumas posições do ex-presidente e, em seguida, voltemos ao hipotético efeito reverso nos processos civilizadores.

Discursos de Bolsonaro sobre a pandemia

A primeira declaração de Jair Bolsonaro sobre a pandemia de Covid-19 aconteceu em Miami em evento no dia 09 de março de 2020, quando o Brasil já registrava os primeiros casos da doença. Em suas palavras, o poder do vírus “estava superdimensionado”⁷. Na ocasião, Bolsonaro falou para uma plateia de empresários que o coronavírus é como uma “fantasia”, dias antes de mais de 20 pessoas de sua comitiva voltarem infectadas dos Estados Unidos.

⁷ Nos EUA, Bolsonaro diz a plateia de empresários que coronavírus 'não é isso tudo, muito é fantasia. O Globo, Rio de Janeiro, 10 de mar. de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/nos-eua-bolsonaro-diz-plateia-de-empresarios-que-coronavirus-nao-isso-tudo-muito-fantasia-1-24296379>. Acesso em: 16 ago. 2021.

Em 24 de março de 2020, o mundo acompanhava a velocidade com a qual a Itália chegava aos 67 mil casos e os Estados Unidos chegava aos 50 mil. Na ocasião, O Brasil contava com aproximadamente 2270 casos e 47 mortos, segundo dados oficiais das secretarias de saúde⁸. Nesse dia, em seu primeiro pronunciamento em rede nacional após a chegada de fato da Covid-19 ao Brasil, o então presidente da República abriu sua fala apresentando a ação conjunta dos Ministérios da Defesa e das Relações Exteriores, no plano de resgate dos brasileiros na China. Em seguida, indicou um planejamento de combate ao avanço do vírus, liderado pelo então ministro da saúde Henrique Mandetta em sincronia com os secretários de saúde. Sugeriu uma espécie de desequilíbrio entre uma afirmada preparação do SUS para o atendimento às vítimas e uma atmosfera de “pânico” e “histeria” instaurada pela mídia. A seguir, um trecho do pronunciamento.

Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhe pelo nosso país (BOLSONARO, Jair. Pronunciamento oficial em rede nacional Brasília, 24 de mar. de 2020).

Bolsonaro defendia a continuidade do funcionamento normal das atividades comerciais em nome da preservação do “sustento das famílias”. Justificava-se alegando um suposto risco restrito a pessoas acima dos 60 anos. E alertava que a preocupação da população deveria se concentrar na proteção aos “queridos pais e avós”, uma vez que as pessoas com menos de 40 anos não apresentariam sequer manifestações do vírus, em caso de contaminação.

No curso de sua fala, o ex-presidente ilustra seu argumento através de um exemplo especulativo, o “seu caso particular”. Imagina-se contaminado pelo vírus e conjectura uma experiência isenta de grandes preocupações com a saúde: “pelo meu histórico de atleta (...) nada sentiria, ou sentiria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho”.

Em seu primeiro pronunciamento sobre a pandemia, o então presidente da República já apresentava a Cloroquina⁹ como possível solução de combate ao coronavírus, hipótese, segundo

⁸ Casos de coronavírus no Brasil em 24 de março. G1, Rio de Janeiro, 24 de mar. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/24/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-24-de-marco.ghtml>. Acesso em: 24 maio 2021.

⁹ Medicamento usado principalmente no tratamento da malária, ocasionalmente recomendado no tratamento da amebíase, artrite reumatoide e lúpus eritematoso. Em 2004, O Instituto Rega de Pesquisa Científica identificou um efeito inibidor das complicações respiratórias da SARS. Em 2020, estudos comprovaram que a cloroquina e a sua variante, a hidroxicloroquina, não possuem eficácia no tratamento da Covid-19, além de causar outras complicações de modo a piorar o quadro do paciente.

Bolsonaro, em vias de ser comprovada pelo Hospital Albert Einstein e pela *Food and Drug Administration*, a agência federal do departamento de saúde norte-americano. Esse aspecto daria início a uma série de defesas e recomendações da cloroquina como solução para a doença, por parte do ex-presidente.

Poucos dias depois, Bolsonaro anunciou linhas de crédito a empresas e auxílio a autônomos¹⁰. Destacou a necessidade em “manter os empregos”, advertindo que a economia caminha ao lado da pandemia. No pronunciamento seguinte, já identificado como um dos poucos chefes de Estados que defendiam a retomada das atividades econômicas, ao lado de Donald Trump, Bolsonaro assumia a missão de “salvar vidas sem deixar para trás os empregos”. Justificava-se demonstrando “preocupação com os mais vulneráveis”, devidamente explicitados: o “camelô”, o “ambulante”, o “vendedor de churrasquinho”, o “ajudante de pedreiro” e o “caminhoneiro”. Na ocasião, buscou tranquilizar a população defendendo o medicamento cloroquina: “os laboratórios químico-farmacêuticos militares entraram com força total. E, em 12 dias, serão produzidos 1 milhão de comprimidos de cloroquina (...)”¹¹.

Entre passeios públicos e contatos físicos nos meses de abril e maio, Bolsonaro cumprimentou simpatizantes e visitou estabelecimentos comerciais, em oposição ao isolamento. Mantinha comunicação quase diária através de um cercado onde apoiadores se aglomeravam em apoio. Foi também através desse local que jornalistas faziam perguntas sobre o plano de combate ao coronavírus, de onde Bolsonaro deu a seguinte declaração, no dia 29 de março:

Essa é uma realidade, o vírus 'tá aí. Vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, porra. Não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Tomos nós iremos morrer um dia. Queremos poupar a vida? Queremos. Na parte da economia, o Paulo Guedes 'tá gastando dezenas de bilhões de reais, que é do Orçamento, que é dinheiro do povo, se bem que nem dinheiro é. Pegamos autorização do Congresso para estourar o teto, que vai ser paga essa conta lá na frente (BOLSONARO, J. In: Após provocar aglomeração durante passeio em Brasília, Bolsonaro volta a se posicionar contra o isolamento social. G1, Brasília, 29 de mar. de 2020).

Ao longo do mês de abril, a população acompanhava pela TV as aglomerações provocadas pelo então presidente em função de suas aparições públicas, ocasiões em que

¹⁰ Governo anuncia linha de crédito a pequenas e médias empresas. Agência Brasil, Brasília, 27 de mar. de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-03/ao-vivo-bolsonaro-faz-pronunciamento-sobre-combate-covid-19>. Acesso em: 05 jul. 2021.

¹¹ Em pronunciamento na TV, Bolsonaro muda o tom e não critica o isolamento social. G1, Brasília, 31 de mar. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/31/em-pronunciamento-na-tv-bolsonaro-muda-o-tom-e-nao-critica-o-isolamento-social.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2021.

apertava as mãos de apoiadores e inúmeras vezes deixava de usar a máscara de proteção do rosto. O Brasil já tinha a maior taxa de contágio do mundo ao final de abril¹², momento em que a imprensa registrava imagens de corpos ensacados e covas enfileiradas. Na terça-feira, 28 de abril, dia em que o Brasil ultrapassava a China em número de óbitos, o presidente da República, quando questionado sobre a gravidade da situação da curva de infectados no país, respondeu: “e daí? Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagres!”¹³.

No Dia do Trabalhador, quando o Brasil somava 85 mil casos e 5900 óbitos, o presidente Jair Bolsonaro declarou: “gostaria que todos voltassem a trabalhar”. Disse que, no entanto, essa não era mais uma decisão sua, antes de sugerir a ineficiência dos métodos de contenção do aumento do número de casos. “Governadores e prefeitos que tomaram medidas bastante rígidas, não achataram a curva”, afirmou¹⁴. No dia 07 de maio de 2020, o presidente Jair Bolsonaro realizou um pronunciamento no qual destacava suas conversas com empresários e com representantes da indústria, justificando a importância em retornar às atividades normais¹⁵. E em 10 de maio, a partir da pergunta de uma mulher sobre o número de mortos no país pela pandemia, Jair Bolsonaro, em linguagem característica, mandou a mulher “ir cobrar do seu governador”¹⁶.

Diante dos acontecimentos, documentados através da imprensa nacional e internacional, é possível enumerar um conjunto de posicionamentos do presidente da República nos quais Bolsonaro minimiza a importância da pandemia e ignora a crise na saúde pública. Enquanto na primeira etapa o presidente defendia o uso da cloroquina e da hidroxicloroquina, quando o debate público se voltou para os avanços em relação à vacina, Bolsonaro se posicionou contra. Declarou que ninguém é obrigado a tomar a vacina. Em novembro, comemorou a suspensão dos testes da Coronavac, da farmacêutica chinesa Sinovac. Na ocasião, se justificou: “Da China, não compraremos. Decisão minha”. E quando os testes foram interrompidos para investigação

¹² Brasil tem a maior taxa de contágio do coronavírus do mundo. O Globo, Rio de Janeiro, 30 de abr. de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/brasil-tem-maior-taxa-de-contagio-do-coronavirus-no-mundo-24403534>. Acesso em: 06 set. 2021.

¹³ “E daí? Eu sou Messias, mas não faço milagres”. Isto É, São Paulo, 01 de mai. de 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/e-dai-eu-sou-messiasmas-nao-faco-milagres/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

¹⁴ “Gostaria que todos voltassem a trabalhar”. Folha de São Paulo, São Paulo, 01 de mai. de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/gostaria-que-todos-voltassem-a-trabalhar-diz-bolsonaro-sobre-1o-de-maio.shtml>. Acesso em: 06 set. 2021.

¹⁵ Leia a íntegra da live feita por Bolsonaro em 07 de maio. UOL, São Paulo, 07 de mai. de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/07/veja-e-leia-na-integra-o-pronunciamento-de-jair-bolsonaro.htm>. Acesso em: 05 jul. 2021.

¹⁶ ‘Cobre do seu governador’: qual a responsabilidade do governo federal no combate à pandemia? BBC Brasil, São Paulo, 06 de jul. de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53244465>. Acesso em: 19 abr. 2021.

da relação do imunizante com a morte de um voluntário que a recebeu, Bolsonaro comemorou em suas redes sociais: "Morte, invalidez, anomalia. Esta é a vacina que o Doria (governador de São Paulo) queria obrigar todos os paulistanos a tomá-la. O presidente disse que a vacina jamais poderia ser obrigatória. Mais uma que Jair Bolsonaro ganha"¹⁷.

Em 10 de novembro, Bolsonaro novamente minimizou a gravidade da crise em linguagem explicitamente machista. Referindo-se à pandemia, disse que o Brasil “tem que deixar de ser um país de maricas” e “enfrentar de peito aberto” a situação¹⁸. “Maricas”, de acordo com o dicionário Houaiss (2001), refere-se ao “indivíduo do sexo masculino que se comporta com modos femininos”. Em outro registro, no contexto regionalista, aponta para um sentido de “homossexualidade” ou de “covardia”. De fato, “maricas” é um termo rude e preconceituoso, definitivamente incompatível com a compostura e com a decência formal característica de um representante dos brasileiros. Duplamente rude, pois além de fazer referência à sexualidade, ignora a situação dramática da pandemia de Covid-19.

Processos descivilizadores ou linguagem incivilizada?

No *processo civilizador*, Elias analisa os nexos entre racionalização, violência e civilização. Através de séculos, explica como a racionalização implica em maior previsibilidade e calculabilidade, uma tendência que tem início na sociedade de corte, passa pela nobreza, e gradualmente inclui a burguesia, depois as massas, além de outros povos ocidentais (MANZO, 2013). Ocorre que, ao contrário de Weber, em Elias os processos de racionalização não são irreversíveis, podendo incluir retrocessos.

Uma das dificuldades de abordar os processos descivilizadores na obra de Elias reside na principal crítica ao seu trabalho: se a história se desdobra através de processos de racionalização que vão da barbárie à civilização, como explicar as barbáries do Século XX, particularmente o Holocausto? É nesse terreno que Bauman (1998) lança a sua crítica em *Modernidade e Holocausto*, o qual chega a se referir à civilização como um mito. Nesse sentido, como o processo civilizador daria conta de explicar a truculência e a negação do que é racionalmente admitido, de acordo com as pesquisas científicas? Ocorre que, uma linha crítica

¹⁷ Bolsonaro comemora suspensão de testes da Coronavac. Deutsche Welle, São Paulo, 10 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-comemora-suspens%C3%A3o-de-testes-da-coronavac/a-55558007>. Acesso em: 06 set. 2021.

¹⁸ “Brasil tem de deixar de ser 'país de maricas' e enfrentar pandemia 'de peito aberto'”, diz Bolsonaro. G1, Brasília, 10 de nov. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/bolsonaro-diz-que-brasil-tem-de-deixar-de-ser-pais-de-maricas-e-enfrentar-pandemia-de-peito-aberto.ghtml>. Acesso em: 06 set. 2021.

oposta a esse questionamento reconhece em Elias um tom crítico a certo entusiasmo europeu em relação à marcha civilizacional. Mennell (1992) propõe, por exemplo, que uma análise voltada para as explosões de violência deve se concentrar na questão dos processos descivilizadores, já que Elias considerou seus retrocessos. Na mesma linha, Fletcher argumenta que o esforço de aplicação do conceito de descivilização em pesquisas empíricas tende a ampliar a compreensão dos padrões de comportamento capazes de inspirar medo. Fletcher (1995) compreende a descivilização a partir de um desequilíbrio na autocontenção e nos padrões de relacionamentos, o que geraria sentimentos menos estáveis e uniformes. Esses sinais podem se tornar um processo social dominante, no qual as relações sociais são caracterizadas pelo medo (1995, p. 289).

Em estudos realizados com o sociólogo Eric Dunning (1992), sobre a autocontenção da violência nos esportes, e mesmo em *Os Alemães* (1997), Elias faz reflexões sobre a permanência da agressividade no século XX. “A civilização a que me refiro nunca está completa, e está sempre ameaçada”, adverte (ELIAS, 1997, p. 161). Cabe situar que o processo civilizador de Elias vive em tenso equilíbrio, de maneira que nada garante a sua permanência no tempo.

Os processos descivilizadores guardariam momentos de irrupção da violência e da agressividade no tecido social. Assim como o fato de urinar e escarrar foi devidamente dissimulado nas cenas da vida cotidiana pelos manuais de etiqueta, a agressividade e a violência não deixaram de existir, mas foram inibidas por um conjunto de regras sociais introjetadas. Nesse sentido Elias vai dizer que “a pacificação de uma sociedade está sempre correndo perigo, seja por conflitos pessoais ou por conflitos sociais” (1997, p. 163). No entanto, na escala dos processos históricos de longa duração, onde entraria uma análise do discurso do Presidente da República, que, em última instância, seria um indivíduo?

De fato, o Presidente da República não é um indivíduo qualquer, mas o chefe de Estado. Sua figura representa a vocalização dos interesses de parte da população, uma vez eleito em votação majoritária. Oriundo da carreira militar, Bolsonaro ao longo de sua trajetória como político abriu mão de certo recato no comportamento em favor da contundência no discurso. O déficit de civilidade nos modos de se comportar converge com seu reconhecido tom de acusações, ofensas e negacionismo. Em relação à pandemia, é possível afirmar que a falta de decoro e respeito em seus discursos converge no sentido de liberação dos ímpetos de agressividade, de acordo com a reversão dos processos civilizadores identificada por Elias.

Por outro lado, justifica-se o cuidado em referir-se ao objeto analisado como *linguagem da incivilidade*: optou-se por utilizar esse termo, uma vez que o pressuposto de Elias seria ponto

de partida para uma análise dos conteúdos presidenciais durante a pandemia. Nesse trabalho, os pronunciamentos de Bolsonaro na pandemia aparecem como ponto de fuga a partir do qual linhas de projeção são capazes de fornecer um quadro mais amplo do cenário, a saber, o da incivildade na sociedade. Como chave analítica, o pensamento de Norbert Elias é tomado como “caixa de ferramentas”, para tomar como referência as palavras de Gilles Deleuze (FOUCAULT, 2004, p. 71). A teoria “deve funcionar”, ou ser acionada em seu potencial capacitador, nos termos de Ann Swidler (1986). Considerando as práticas sociais em sua dinâmica de ressignificações contínuas, a qual entrelaça discursos a crenças e ações que desaguam em transformações sociais (FAIRCLOUGH, 2016; VAN DIJK, 2012), é possível verificar a incidência da linguagem da incivildade nas falas de Bolsonaro, ao longo da pandemia de Covid-19.

A partir da obra de Elias, é possível pensar a hipótese não de um retorno da agressividade, mas de uma redistribuição das tensões calcada no não-reconhecimento de certos parâmetros fundamentais à preservação da vida, a saber, as recomendações sanitárias. Elias talvez nunca tenha considerado os processos descivilizadores como um retorno, mas como uma prevalência do “lado oculto” da civilização, talvez esse lado que tenda a reaparecer em momentos de crise, tal como uma pandemia. A partir desse ponto que a análise das falas de Bolsonaro, particularmente de sua crítica às normas sanitárias, se abre à luz da hipótese da linguagem incivilizada expressa através de seu negacionismo científico.

Considerações finais

Diante dos dados levantados, realizo o esforço analítico de organização das falas do ex-presidente de República, tomando como pressuposto sua oposição às normas sanitárias, defendidas por epidemiologistas, médicos e fundamentada na ciência. Nesse esquema, temos o recorte de um conjunto de falas e registros das ações de Jair Bolsonaro, o que permite verificar o quanto tais posicionamentos podem ser pensados do ponto de vista da incivildade.

A postura do ex-presidente girou em torno de quatro eixos, ao longo da pandemia: 1) redução: “fantasia”, “histeria”, “gripezinha”; 2) priorização: “preocupação com a economia”, “linhas de crédito”, “auxílios financeiros”; 3) ridicularização sexista: “enfrentar o vírus como homem, não como moleque”, “deixar de ser país de maricas” e; 4) desresponsabilização: “pergunta pro seu governador”, “não faço milagres”. Observa-se, nesse particular, o descompasso entre suas posições e a compreensão da atividade do político de acordo com

Weber: “é a qualidade psicológica decisiva do político: sua capacidade de deixar que as realidades atuem sobre ele com uma concentração e uma calma íntimas” (WEBER, 1982, p. 138).

Os quatro registros tendem a criar uma oposição em seus discursos. Na lógica das falas de Bolsonaro, a pandemia é reduzida em relação ao: 1) grau: brandura x severidade 2) esforços: economia x saúde pública; 3) força: homem x maricas e moleques e 4) responsabilidade: presidente x governadores. Tais oposições inspiraram debates públicos pelo país ao longo do ano de 2020, estabelecendo oposições cujo resultado foi o esvaziamento da gravidade da pandemia. Para além de uma concepção formalista do discurso e de uma perspectiva transdisciplinar (VAN DIJK, 2012), o saldo desses depoimentos presidenciais negacionistas, na prática, foi observado pelo descumprimento das normas sanitárias de isolamento e de negação da vacina, o que agravou o quadro de saúde pública no país.

A partir dos dados levantados em pesquisa ao longo dos últimos dez meses de suas principais falas públicas, é possível afirmar que o ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, nega a proporção da realidade da pandemia que se impõe no país e no mundo. E, ao fazê-la, falta ao cumprimento de suas responsabilidades enquanto chefe de Estado, o que tende a causar prejuízos incalculáveis, do ponto de vista do combate à pandemia. O saldo de sua desautorização das normas sanitárias pode ser pensado do ponto de vista do aumento da curva de contágio e de suas consequências, contabilizada em vidas perdidas.

Assim como para Weber, Elias entende o racionalismo ocidental como o racionalismo do controle das emoções e dos ímpetos de agressividade. Nesse processo, os sentimentos humanos mais primários, como as paixões, convicções e vaidades pessoais dão lugar a um comportamento disciplinado, baseado na racionalidade. Quando o então presidente Jair Bolsonaro despreza os códigos de conduta inscritos em medidas sanitárias de contenção da pandemia, tensiona os limites daquilo que Elias compreendeu como civilizado. E quando confronta parâmetros de racionalidade científica em nome de convicções próprias, no registro de uma pandemia, tende a produzir consequências dramáticas, do ponto de vista da contaminação.

Em 2021, é possível concluir que a incivilidade na política brasileira ocorreu pela recusa em reconhecer a dimensão do drama dos cidadãos por parte do presidente. Na contramão das recomendações da OMS e de pareceres médico-científicos, Bolsonaro fez mais que reduzir a importância da pandemia: como líder, encorajou pessoas a quebrarem o isolamento social, aumentando o risco de contaminação. Divulgava pronunciamentos em linguagem jocosa e

provocadora, em evidente ausência de sensibilidade, mesmo de respeito, em relação ao que acontecia com seus cidadãos. Portanto, a falta de decoro em seus discursos converge no sentido de liberação dos ímpetos de incivilidade, na contramão do cumprimento de certas normas fundamentais à contenção da curva de contágio, o que indica uma inversão dos sentidos civilizadores, expressos na figura de um político orientado fundamentalmente pelas convicções pessoais e pela própria vaidade.

REFERÊNCIAS

- AKAMINE, M.; SHIOTA, H.; DORSA, A. A Análise Crítica do Discurso no contexto econômico e social decorrente da covid-19 no Brasil. **Interações**, Campo Grande, v. 23, n. 1, 2022.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998.
- BOLSONARO DEFENDE ISOLAMENTO vertical e sugere que país pode 'sair da normalidade democrática'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-defende-isolamento-vertical-sugere-que-pais-pode-sair-da-normalidade-democratica-24327038>. Acesso em: 24 maio 2021.
- BRASIL COMPLETA 100 DIAS de COVID-19 com maior curva ascendente no mundo. **Estado de Minas**, Minas Gerais, 04 jun. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/06/04/interna_nacional,1153866/brasil-completa-100-dias-de-covid-19-com-maior-curva-ascendente-no-mun.shtml. Acesso em: 12 abr. 2021.
- BRASIL LIDERA MORTES confirmadas por Covid no mundo em 24h, diz OMS. **Portal de notícias UOL**, São Paulo, 07 ago. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/2020/08/07/coronavirus-oms-registra-18902735-casos-e-709511-mortes-no-mundo.htm>. Acesso em: 05 jul. 2021.
- CAVALCANTI, M.; FERREIRA, R. A Construção discursiva dos direitos humanos e suas tensões: o caso da extrema direita no Brasil. **Trabalhos em linguística aplicada – Unicamp**, Campinas, v. 59, n. 2, 2020
- DÉPELTEAUL, F.; LANDINI, T. **Norbert Elias and Social Theory**. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- DUNNING, E.; ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel. 1992.
- ELIAS, N. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar. 1997.
- ELIAS, N. **O processo civilizador I e II**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2011.

EXTREMA DIREITA ENTRA no parlamento alemão pela primeira vez desde 1945. **El País**, São Paulo, 25 set. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/24/internacional/1506276160_113753.html. Acesso em: 16 ago. 2021.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília, DF: Ed. UnB. 2016.

FOUCAULT, M. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal. 2004.

FLETCHER, J. Toward a theory of decivilizing processes. **Amsterdams Sociologisch Tijdschrift**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 283-296, 1995.

FREUD, S. **Psicologia de Grupo e a Análise do Ego**. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1974. v. XVIII.

GUIRADO, M. Entre Discurso e Ato, há muito mais do que se imagina. **Psicologia. USP**, São Paulo, v. 30, 2019.

HARCOURT, B. A política da incivilidade. **Interseções - Revista de estudos interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, 2012.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva. 2001.

MANZO, E. La sociología figuracionista de Norbert Elias: Críticas y contracríticas. **Reencuentro**, [S. l.], n. 66, p. 80-89, abr. 2013.

MARINE LE PEN, a herdeira da extrema direita rumo ao segundo turno na França. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 abr. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/marine-le-pen-herdeira-da-extrema-direita-rumo-ao-segundo-turno-na-franca-21245151>. Acesso em: 05 jul. 2021.

MENNELL, S. **Norbert Elias**. An Introduction. Dublin: University College Dublin Press, 1992.

QUAL A DIFERENÇA entre isolamento vertical, horizontal e lockdown? **Portal Fiocruz**. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/quais-diferencas-entre-isolamento-vertical-horizontal-e-lockdown>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SWIDLER, A. Culture in Action: Symbols and Strategies. **American Sociological Review**, [S. l.], v. 51, n. 2, 1986.

TRUMP'S 'AMERICA FIRST' has ugly echoes from U.S. history. **CNN**, Nova Iorque, 28 abr. 2016. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2016/04/27/opinions/trump-america-first-ugly-echoes-dunn/index.html>. Acesso em: 16 ago. 2021.

VAN DIJK, T. **Discurso e Contexto**: Uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Ed. Contexto, 2012.

WAIZBORT, L. (org.) **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Ed. Usp, 2001.

WEBER, M. **A política como vocação**. Ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1982.

YOUNG, I. M. Desafios ativistas à democracia deliberativa. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, [S. l.], n. 13, p.187-212, 2014.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não se aplica.

Financiamento: Não se aplica.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Não se aplica.

Disponibilidade de dados e material: Não se aplica.

Contribuições dos autores: Autor único.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

